

Jogadas

Sérgio Machado lança sua proposta numa auto-apresentação: "Eu viso imediatamente o leitor, procurando envolver a pessoa num esquema lúdico, quer dizer, provocar, instigar, armar o jogo e propor ou não soluções". Os lances dos 27 contos deste seu primeiro livro comprovam a proposta, armando-se num tabuleiro palpitante de jogadas, onde se intersecciona o conjunto diversificado de motivos atuais e/ou atualizados de representação de uma contemporaneidade em ebulição. E atingem o leitor pelo fascínio deste entregar-se ao atendimento às múltiplas solicitações de um universo, mesclando a realidade do cotidiano à realidade das tramas policiais do mundo dos crimes, à realidade das tramas cibernéticas do mundo tecnológico.

Em cada ponto, produto das combinações desses ingredientes, centra-se o questionamento sobre as próprias linguagens: o autor surpreende, agora, o leitor em fascínio, lançando a peça da argucidade crítica, ao montar a realidade ficcional pela desmontagem, através da desmistificação de valores antigos e da incongruência proveniente do choque entre as realidades díspares.

A incongruência torna-se mais contundente na construção de contos que sugerem inspiração na ficção científica, caso por exemplo de "As árvores na praça", onde se aliam o robô e o mago, mecanismos tecnológicos e feitiçaria. Elementos dessa natureza, estranhos e aparentemente desconexos, prestam-se a explicações de fatos inexplicáveis da vida cotidiana — lances anunciados metaforicamente no conto "Dados": as jogadas das previsões de um futuro cibernético, que já se realizam num presente e a cada instante tornam-se passados, passíveis de "recuerdos"...

Não falta, no conjunto, a nota do bom humor, como na narrativa do malandro que deixa, em cada roubo, uma "brincadeira crítica" de explicação das causas de seus crimes ("mais um pedaço da história do assaltante bem falante"). Ressalte-se a habilidade do autor — e lembre-se que também é o músico que compôs "Rock bandido", "Dirección de Aquarius" — na manipulação da linguagem solta, coloquialíssima, atendendo à leitura quase oral, a dissipar assim as fronteiras entre o mundo lido e ouvido.

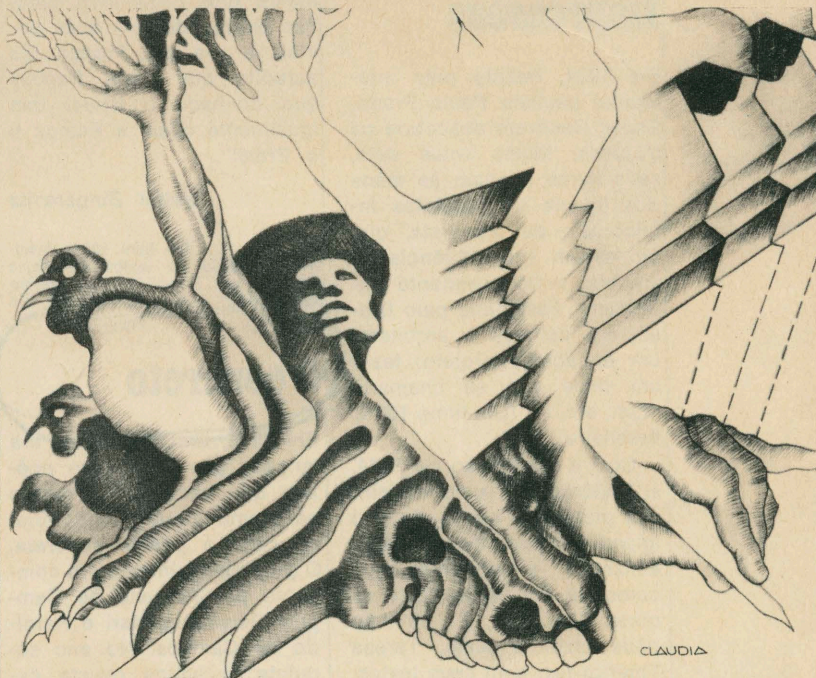
O clima de diálogo autor/leitor, móvel do próprio jogo de contos, consolida-se na movimentação da última peça na montagem do conto, o desfecho. Problemático, revela-se sempre surpreendente. Segundo o próprio autor: "O cara toma sempre uma pancadinha, no final". Mais uma abertura na incitação à leitura de alerta, novo xeque-mate... Afora a linguagem literária que incorpora as linguagens do cinema, da televisão, do jornal, da narrativa policial, da ficção científica, do malandro, ainda o estímulo plástico das ilustrações de vários autores, compondo a obra como objeto visual — transfiguração visualizada das experiências escritas-auditivas de Sérgio Machado. E mais um índice a cooperar na contemporaneidade fulminante do livro.

Nádia Battella Gotlib

Recuerdos do futuro, de Sérgio Machado; Editora Ática, 1976, 86 páginas, 25 cruzeiros.

Política

Por que a mais séria realização com a finalidade de neutralizar o desequilíbrio sócio-econômico entre o Brasil-desenvolvido e o Brasil-subdesenvolvido foi iniciativa de um Governo com bases essencialmente conservadoras, como o do presidente Juscelino Kubitschek? A resposta



a esta questão constitui o tema central deste livro de Amélia Cohn, cujo objetivo foi partir dos acontecimentos que ocasionaram a formação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, em 1959, para uma análise mais detalhada sobre como uma crise de âmbito meramente regional se converteu num importante problema nacional. Nesse sentido, encarando esse órgão como resultante das tensões políticas e econômicas nordestinas, ela conclui que sua criação nada mais representou do que uma acomodação necessária entre os diversos grupos sociais em jogo, em um determinado momento histórico.

Sua tese é de que a política econômica proposta por Juscelino para toda a região afetada pelas secas foi compatível com a adotada ao nível nacional. De tal forma que as decisões foram tomadas pelos escalões superiores e sua legitimidade dada por uma pretensa racionalidade e neutralidade, na medida em que elas aparentemente se fundamentaram em estudos de caráter técnico (especialmente o relatório elaborado pela equipe de Celso Furtado

para o Banco do Nordeste de Brasil). Daí a conclusão de que, apesar de sua roupagem racional, o diagnóstico de Furtado sobre os pontos de estrangulamento do Nordeste foi muito mais de natureza política do que técnica, motivo pelo qual conseguiu catalisar todo o apoio necessário — grupos urbanos regionais, Igreja, empresariado sulista e governadores recém-eleitos — para neutralizar a conservadora resistência do Partido Social Democrático e obter do Congresso a aprovação do projeto de lei que criou a Sudene.

Assim, este livro contribui para o preenchimento de uma lacuna na bibliografia disponível sobre uma das mais pobres e atrasadas regiões do país, sugerindo que a criação de um órgão de planejamento de âmbito regional como a Sudene acabou, no fundo, correspondendo a uma descentralização administrativa associada a uma centralização política, em resposta a uma série de pressões sócio-políticas da época.

José Eduardo Faria

Crise regional e planejamento, de Amélia Cohn; Editora Perspectiva, 1976, 165 páginas, 40 cruzeiros.

Impressões

Em 1924, trazido pelo intelectual paulista Paulo Prado, Blaise Cendrars descobria os trópicos. Muito antes dele, seus livros chegam às mãos dos jovens e irrequietos intelectuais da província, que confessam sua influência na articulação do movimento modernista. Fascinado pelo Brasil, ele começa a arquitetar um audacioso projeto: fazer um filme que se chamaria "Etc., etc. . . . (Um filme 100% brasileiro)".

Com a Revolução de 1924, a História deu uma rasteira nos planos do poeta. Nada o impediu, porém, de viver aqui amizades, experiências que colocaria em várias de suas obras literárias. E, se não pôde fazer o filme, Teresa Thiériot fez, com seus textos, um livro, enriquecido com fotografias e desenhos de Tar-



Blaise Cendrars em 1928

sila do Amaral. É uma espécie de roteiro, onde foram colocados alguns poemas e as impressões de Cendrars sobre São Paulo, Uberaba, Rio de Janeiro, a nossa comida e literatura, as conversas com Paulo Prado e descrições de alguns personagens singulares — como a estranha figura de Febrônio Índio do Brasil, um sádico assassino que se dizia enviado de Deus, autor de um livro de profecias. Enfim, um relato afetivo do poeta que um dia confessou: "Diz-se comu-

mente que cada livre cidadão do mundo tem duas pátrias, a sua e a França. Eu acredito que cada francês que conhece o Brasil tem igualmente duas, a França e o Brasil".

Walter Zingerevitz

Etc., etc. . . . (Um livro 100% brasileiro), seleção de textos de Blaise Cendrars por Teresa Thiériot. Editora Perspectiva, 1976, 207 páginas, 54 cruzeiros.

O concreto

Em 1956, em São Paulo, era lançado um movimento poético que sacudiria o morno panorama literário e cultural do país: a poesia concreta. O grupo inicialmente era composto por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. No ano seguinte, a antiga revista carioca "O Cruzeiro" divulgava, com uma reportagem polêmica ("O 'rock'n roll' da poesia"), o primeiro poema concreto do consagrado poeta Manuel Bandeira. Durante esses vinte anos, o grupo concretista tem recebido uma série imensa de acusações, entre as quais a de não produzir uma poesia engajada e a de estar divorciado da realidade brasileira.

Apesar das restrições da crítica tradicional, Haroldo de Campos construiu ao longo desses anos uma extensa e fecunda obra composta de ensaios e crítica literária, ao lado de uma produção poética relevante e inovadora. Destaca-se também nesse caminho intelectual todo um conjunto de traduções-criações de poesia da mais diversa procedência — poetas chineses e japoneses, Maikowsky, Joyce, Mallarmé, Ezra Pound, Dante Alighieri, Píndaro e muitos outros, ao lado de revisões e reavaliações como a de Oswald de Andrade e de uma tese sobre "Macunaíma".

Faltava, porém, o registro da obra poética, agora ao alcance do público, com o lançamento de "Xadrez de

estrelas". Da teoria da poesia concreta, didaticamente, podem-se destacar alguns pontos-chave para elucidar a construção de seus poemas: a espacialização tipográfica, o uso de estruturas a-sintáticas e a ênfase na materialidade do vocábulo. O livro termina num longo texto — "Galáxias", fragmentos/possível figura, 1963—73 — que em amplo sopro criativo varre as páginas brancas, num contínuo sem nenhuma pontuação — técnica que provém de matrizes joycianas e mallarmaicas — onde as palavras se vão gerando e aglutinando por proximidade sonora, uma espécie de diário intemporal de viagem em que ressaltam as imagens estelares do lúdico fazer entre a ordem e a desordem.

W. Z.

Xadrez de estrelas, percurso textual, 1949—74, de Haroldo de Campos. Editora Perspectiva, 1976, 254 páginas, 100 cruzeiros.

Intensidade

Os cito contos, breves, do livro de estréia de Jair Vitória trazem as marcas de um regionalismo renovado. A obra mantém uma constante temática e de linguagem na apresentação dos costumes e da fala do sertanejo, o que acusa a origem do autor, proveniente da zona rural do Triângulo Mineiro. Jair Vitória soube, contudo, revigorar a matéria-prima, por um desnudamento emocional, uma impulsão de emoções despreziosas. Esses sentimentos capitais — intensos e simples — incorporam-se nos "casos" do sertão e acabam por dirigir as ações dos personagens e distribuí-los de forma variada, entre o apego aos bichos da terra ("O boi Araçá"), a paixão pela vida itinerante do boiadeiro ("Rochão Santo Forte, João dos Bois: era uma vez"), as alegrias simplórias das festas — os casamentos e bailes movidos a pinga e sanfona ("O

casal atrapalhado"). E também as mágoas e revoltas provenientes de esforços incompensados no amor ("O boquinha da noite") e no trabalho ("O carreiro Belizário"), que levam à violência e à vingança ("A vingança do Clotildo").

Nessa trajetória de situações, ressalte-se o conto inicial, "Cuma-João", que serviu de título à obra e valeu ao autor o primeiro lugar num concurso de contos organizado por alunos da Universidade de São Paulo, em 1972. A originalidade em relação aos outros contos advém do tipo de elaboração da linguagem, com total ausência de pontuação, tentando esgotar o fôlego do leitor e representando, assim, as tonturas do percurso das dificuldades infindáveis experimentadas pelo imigrante sertanejo nos seus "giros em busca de outros destinos", até o final trágico.

A utilização do espaço urbano, igualmente uma particularidade deste conto, subjaz à imagem viva do sertão, que persiste em primeiro plano, através da corrente delirante dos impulsos íntimos da "raça" sertaneja, uma consciência conflituosa em busca de adaptação na cidade grande.

Em todos os contos, o desfecho, por vezes em tom negativo, de solidão ou morte vence a vulgaridade pelo suporte das emoções simples, que ultrapassa o perigo do lugar-comum, sustentado que se acha pelo freio da lucidez, a impedir as vias para um sentimentalismo excessivo. Esta seria a tônica, pois, da narrativa, que funciona como uma promessa de continuidade da produção do autor: uma ternura profunda, porém conscientizada e crítica, pelas coisas e pelas gentes da sua terra, num pacto espontâneo e vigoroso com a simplicidade.

Nádia Battella Gotlib

Cuma-João, de Jair Vitória; Editora Ática, 1976, 86 páginas, 25 cruzeiros.